

UMA PROPOSTA DE REFLEXÃO SOBRE EDUCAÇÃO NOS MUSEUS DA COLÔNIA DE PELOTAS ATRAVÉS DE OFICINAS PARA A PRODUÇÃO DE MATERIAL EDUCATIVO

A PROPOSAL FOR REFLECTION ON EDUCATION IN MUSEUMS OF PELOTAS COLOGNE THROUGH WORKSHOPS FOR THE PRODUCTION OF EDUCATIONAL MATERIAL

Renata Brião de Castro¹
 Patrícia Cristina da Cruz²
 Carla Rodrigues Gastaud³

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas.

Graduação em Museologia - Universidade Federal de Pelotas.

Email:

renatab.castro@gmail.com

² Graduanda em Museologia pela Universidade Federal de Pelotas.

Email:

patricia-cristina-cruz@hotmail.com

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Adjunta do Departamento de Museologia,

Conservação e Restauro do Instituto de Ciências Humanas da -

Universidade Federal de Pelotas.

Email:

crgastaud@gmail.com

Resumo

Este trabalho relata o processo de colocar em discussão o tema da educação para o patrimônio nos Museus da zona rural de Pelotas através de oficina para a produção de material educativo organizada pelo Laboratório de Educação para o Patrimônio – LEP, realizada no interstício de 12 a 26 de maio de 2014. A oficina, intitulada “Educação em Museus: a produção de material educativo para os museus da Colônia de Pelotas” teve por objetivo suprir uma demanda recorrente daqueles museus no que tange a educação para o patrimônio.

Palavras-chave: Educação para o patrimônio. Museus. Produção de material educativo.

Abstract

This paper describes the process of putting into discussion the issue of education heritage in the country museums of Pelotas through workshops for the production of educational material organized by the Laboratório de Educação para o Patrimônio - LEP, held from May 12th to 26th, 2014. The workshop, titled “Education in Museums: the production of educational resources the country museums of Pelotas”, aimed to meet the demand of that museums in regard to education for heritage.

Keywords: Education for heritage. Museums. Production of educational resources.

Relato de experiência

O desenvolvimento de um trabalho educacional - centrado no patrimônio cultural e com forte apelo ao senso crítico - possibilita que diferentes públicos se apropriem e desfrutem dos bens culturais. Maria de Lourdes Horta (1999) escreve sobre a importância dessas atividades desenvolvidas para o patrimônio:

[...] a partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural (HORTA, GRUMBERG, MONTEIRO, 1999, p. 06).

Nesse sentido Magali Cabral escreve que o patrimônio é “meio de comunicação e campo de educação”, que pode e deve ser objeto de ações educativas que contribuam para a mudança social (CABRAL, 2002, p. 5).

É importante os museus definirem o seu papel de agente educativo, fortalecendo o diálogo com as escolas (mas não apenas com elas), estabelecendo relação direta com os conteúdos trabalhados pelos professores em sala de aula. Sem que, para tanto lancem mão dos métodos e procedimentos pedagógicos concernentes ao universo escolar. Museus e escolas são espaços sociais complementares, que possuem linguagens e propostas pedagógicas próprias, indispensáveis na formação dos cidadãos.

O Laboratório de Educação para o Patrimônio (LEP)⁴, vinculado ao Curso de Museologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), realizou nos dias 12, 19 e 26 de maio de 2014 uma série de encontros para a produção de material educativo, com foco nos museus da colônia de Pelotas e no Museu Histórico de Morro Redondo⁵ que estão vinculados a projetos de extensão da UFPel. A necessidade da realização das oficinas foi evidenciada a partir de uma pesquisa⁶ realizada pelo laboratório com os museus da cidade de Pelotas cadastrados no Sistema Municipal de Museus (SMM)⁷. O levantamento buscou conhecer as atividades educativas realizadas pelas instituições museológicas pelotenses e os resultados mostraram que os museus não desenvolvem, de forma regular, ações educativas voltadas para o patrimônio.

Um questionário foi enviado a quinze instituições museológicas. Dentre estas, seis responderam as perguntas enviadas, sendo que somente um museu, denominado aqui de Museu 1⁸, afirmou não desenvolver nenhuma atividade educativa, os demais asseveraram realizar atividades regularmente.

No questionário respondido pelo Museu 2, quando perguntado se a instituição planejava ações futuras, encontra-se a resposta: “Não. Esta atividade é de minha iniciativa” (resposta dada por um funcionário da instituição).

Na análise das respostas, verificou-se que os Museus 4 e 6 já haviam realizado ações educativas. Os dois museus explicaram que, atualmente, problemas estruturais e financeiros impedem que elas ocorram, mas que existem projetos de atividades educacionais futuras⁹.

As ações educativas constituem um aspecto fundamental das atividades museológicas como consagra o Estatuto Brasileiro de Museus em seu artigo 29:

Os museus deverão promover ações educativas, fundamentadas no respeito à diversidade cultural e na participação comunitária, contribuindo para ampliar o acesso da sociedade às manifestações culturais e ao patrimônio material e imaterial da Nação (BRASIL, Lei nº 11.904, 2009, art. 29).

Diante da carência das instituições pelotenses na área educativa, o LEP optou por oferecer uma oficina que, além de auxiliar na elaboração de material educativo, pudesse incentivar os museus a (re)pensarem acerca da educação em museus.

Sobre a importância das atividades educativas, Horta escreve:

O diálogo permanente que está implícito neste processo educacional estimula e facilita a comunicação e a interação entre as comunidades e os agentes responsáveis pela preservação e estudo dos bens culturais, possibilitando a troca de conhecimentos e a formação de parcerias para a proteção e valorização desses bens (HORTA, GRUMBERG, MONTEIRO, 1999, p. 06).

Os museus precisam buscar formas de interação com as comunidades e as ações educativas são essenciais neste processo facilitando a apreensão do acervo/exposição pelo público e gerando respeito e valorização pelo patrimônio cultural.

Ao propor a realização da oficina, o LEP partiu do princípio de que “o museu, para atingir sua função pedagógica, deverá ter uma capacidade de produção própria, com questionamento crítico e criativo” (SANTOS, 2002, p. 318). Deste modo, o primeiro passo para provocar os museus a refletirem sobre as ações educativas que podem acontecer em seus espaços, foi convidar as equipes dos museus selecionados para participarem da oficina que aconteceu em três encontros, um a cada semana. Um quarto encontro, para apresentação dos relatos sobre a utilização dos materiais produzidos, será realizado em data posterior.

A cada encontro era produzido, pela equipe organizadora, um relatório das atividades do dia e encaminhado a todos os participantes, especificando o que havia sido debatido na oficina, possibilitando assim que os participantes pudessem reler e se fosse o caso repassar para aqueles integrantes da equipe do museu que não haviam assistido a oficina. Além disso, esses relatórios ficaram no laboratório como registro da oficina, bem como ajudarão a planejar oficinas futuras.



Figura 1
1º encontro.
Fonte: fotografia das autoras,
2014.

No primeiro dia de oficina – 12 de maio – foram discutidos conceitos básicos a respeito de ação educativa em museus, como por exemplo: o que são ações educativas para o patrimônio, a relação entre acervo e educação, a diferença entre museu e escola, os elementos a serem considerados ao se planejar uma ação educativa, como por exemplo: público, espaço, viabilidade, aplicabilidade, objetivo e avaliação.

Quando se pensa em um projeto de ação educativa, alguns itens básicos devem estar entre as prioridades, tais como o tempo de duração da visita; o espaço em que acontecerá a atividade; o objeto, ou seja, o acervo que será o foco da ação e para qual público será destinada a atividade. Todos esses aspectos estão relacionados entre si, pois a escolha do acervo, por exemplo, tem implicações sobre qual será o público alvo da ação e conseqüentemente sobre o espaço em que se acontecerá – o qual tem estreita relação com o público e com o acervo – e sobre o tempo da visita. Enfim, todos os elementos descritos acima estão profundamente ligados e não devem (não podem) estar dissociados.

A partir do contato com esses referenciais teóricos, as equipes dos quatro museus participantes puderam repensar acerca das atividades de suas instituições museológicas, construir um maior embasamento teórico e incrementar seu potencial criativo para planejar e estruturar suas ações educativas.

As ações educativas bem pensadas e planejadas contribuem para a qualificação das atividades realizadas pelas instituições de memória. Além disso, as ações buscam atingir um público potencial, ou seja, pessoas que não possuem o hábito de visitar as instituições museológicas, que desconhecem o seu funcionamento ou até mesmo a sua existência e que, a partir da visita acompanhada e/ou de uma ação educativa, pode vir a compor um público conhecedor e interessado no acervo salvaguardado e na preservação deste.

A autora Ana Ramos Rodrigues, ao falar sobre museus, escreve: “uma visita pode representar pouco, mas esse pouco poderá ser o estímulo para que ocorram outras visitas posteriores, e estimulem a construção de novos conceitos” (RODRIGUES, 2010, p.7).

Atividades educativas para o patrimônio podem “despertar” uma consciência acerca da preservação dos bens culturais, pois, a partir de um contato e um conhecimento maior

dos documentos e objetos salvaguardados pelas instituições de memória - sejam elas museus, arquivos, bibliotecas ou centros de documentação - se terá uma visão do que está sendo guardado e da importância da preservação desse acervo.

Na oficina, debateu-se sobre as ações educativas tomadas como “elementos fundamentais no processo de comunicação que, juntamente com a preservação e a investigação, formam o pilar de sustentação de todo museu” e sobre como se constituem em “formas de mediação entre o sujeito e o bem cultural” (BARBOSA et al, 2010, p. 5).

Além disso, no decorrer da oficina, buscou-se estabelecer um tema comum aos museus para a produção de material, vários assuntos foram elencados pelos participantes para posteriormente escolher um tema que unisse os quatro museus. Esse cuidado em buscar um tema unificador tem base no que Maria Célia Santos (2002) escreve sobre o patrimônio cultural e o processo de reconhecimento desse bem:

A análise da educação, portanto, está sendo aqui realizada compreendendo-a como um processo que deve ter como referencial o patrimônio cultural, considerando que este é um suporte fundamental para que a ação educativa seja aplicada, levando em consideração a herança cultural dos indivíduos, em um determinado tempo e espaço, considerando que as diversas áreas do conhecimento não funcionam como compartimentos estanques, mas são parte de uma grande diversidade, que é resultado de uma teia de relações, em que cultura, ciência e tecnologia em cada momento histórico, são construídas e reconstruídas pela ação do homem, produtor de cultura e conhecimento. (SANTOS, 2002, p 310)

Pensando na transformação, esperando com que o visitante se torne um sujeito ativo dentro do desenvolvimento e da emancipação cultural, que será produzida dentro dos diferentes espaços por meio de experiências vividas. De acordo com Rodrigues (2004), é preciso que o museu invista nas ações educativas, para não reproduzir a forma mais tradicional de conhecimento.

Se o museu não enfrenta o estudo da cultura material com as exigências constitutivas de tal empreitada, não adianta falar em programas educativos. Sem reflexão sobre os objetos, esmigalha-se o potencial inovador e criativo do museu histórico. (RODRIGUES, 2004, p. 134)

Pensa-se que as instituições museológicas e centros de cultura que realizam atividades educacionais de forma lúdica estimulam a capacidade criativa, crítica e o interesse do visitante, além de criar um ambiente agradável e participativo. Dessa forma o público deixa de ser um agente passivo dos bens culturais e passa a ser um agente ativo desse patrimônio.

**Figura 2**

Participantes da oficina conhecendo o acervo do LEP.

Fonte: fotografia das autoras, 2014.

No segundo encontro – 19 de maio – os participantes conheceram o acervo da Mediateca¹⁰ do LEP a fim de ampliar seu referencial sobre o tema.

Nesse sentido, o LEP implantou a Mediateca onde se reúne e se disponibiliza para consulta material educativo e de divulgação - produzido por diversos museus e por instituições voltadas para o patrimônio - oportunizando através do contato com diferentes experiências educativas uma ampliação de repertório para os profissionais de museu em atividade e/ou em formação.

A Mediateca do LEP tem como objetivo reunir e disponibilizar materiais educativos produzidos por instituições museológicas e centros culturais e, para isso, mapeia as instituições que desenvolvem trabalhos na área e solicita os materiais por elas produzidos; os itens recebidos são catalogados e disponibilizados para consulta.

É importante os museus definirem o seu papel de agente educativo, fortalecendo o diálogo com as escolas, estabelecendo relação direta com os conteúdos trabalhados pelos professores em sala de aula, sem que, para tanto, lancem mão dos métodos e procedimentos pedagógicos concernentes ao universo escolar. O objetivo da Mediateca é justamente aproximar estas experiências das instituições locais e dos alunos dos cursos de Museologia e Conservação e Restauro.

Dessa maneira a oficina possibilitou o contato com materiais educativos de outras instituições culturais aos participantes para que se inspirassem e comesçassem a refletir sobre a educação em museus, e sobre a importância de dispor de material educativo adequado. Num segundo momento foi selecionado o tema que seria utilizado para a confecção do material, e optou-se por fazer um painel-jogo para cada museu com imagens do museu, do acervo e do seu entorno com o qual os visitantes pudessem interagir. A ideia inicial era produzir um conjunto de imagens com as quais o visitante pudesse jogar identificando o que pertence ao museu e ao seu entorno e o que não faz parte daquele contexto.

No que se refere à metodologia das atividades, não existe nenhuma “receita pronta” para ser aplicada com sucesso em todos os lugares, isso porque cada instituição é singular, tem características próprias. Além das peculiaridades de cada museu deve-se considerar o público

que a instituição quer atingir, uma atividade para crianças de cinco anos não funciona com adolescentes de quinze.

Conforme Maria Célia Santos, é necessária a contextualização das práticas educacionais tendo em mente a comunidade dentro da qual a instituição está inserida, sem dissociar da realidade local. Segundo a autora: “a contemporaneidade não comporta mais modelos de desenvolvimento tecnológico e científico dissociados dos referenciais culturais de um povo” (SANTOS, 2002, p. 308).

É importante que não haja uma escolarização dessas instituições guardiãs da memória, ou seja, que esses espaços não reproduzam as mesmas atividades do ambiente escolar, pois, apesar de serem duas instituições que lidam com a educação, as diferenças são claras: enquanto a escola é um espaço de ensino formal, podemos considerar centros de documentação, museus, arquivos e bibliotecas como lugares não formais de ensino, especialmente se pensarmos que as atividades propostas podem ter um caráter lúdico, divertido e criativo, centrado nos acervos, ao mesmo tempo em que propiciam aprendizagem.

A educação museal deve ser aplicada de forma tal que ocorra como um dispositivo de reflexão (RODRIGUES, 2010) no qual que o resultado seja a construção de um saber. Paulo Freire fala de uma educação “bancária”, ou seja, aquela educação onde são depositados conhecimentos prontos e acabados nos alunos:

Narração de conteúdos que, por isto mesmo, tendem a petrificar-se ou a fazer-se algo quase morto, sejam valores ou dimensões concretas da realidade. Narração ou dissertação que implica num sujeito – o narrador – e em objetos pacientes, ouvintes – os educandos [...]. Na visão “bancária” da educação, “o saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber (FREIRE, 1997, p. 87).

Ao aproximar Freire das instituições de memória, é possível dizer que deve haver justamente o contrário de uma “doação” de conhecimentos. A “doação” acaba, por vezes, distanciando as pessoas desses locais de memória, exatamente o oposto do que buscamos com as ações educativas, as quais devem buscar diálogo e uma aproximação maior e mais intensa com a comunidade, contribuindo para que as instituições de memória exerçam seu papel social.

Figura 3
Confecção do material educativo
Fonte: fotografia das autoras,
2014.



O terceiro e último encontro - 26 de maio – foi dedicado à produção do material educativo, constituído pelo painel e pelas imagens que compõem o jogo intitulado “De onde é?”. A equipe de cada museu montou seu conjunto (painel/imagens) de maneira a adequar-se às suas demandas.

De acordo com Kishimoto (1996), a utilização de jogos potencializa a exploração e a construção do conhecimento por contar com a motivação interna típica do lúdico. Nesse sentido o material que seria produzido pelas instituições a partir da oficina oportunizaria uma comunicação mais profícua entre o museu e seu visitante.

Ações educativas assumem formas as mais diversas possíveis na busca de criar um ambiente propício a indagações, a reflexões, fazendo com que o museu atue de forma muito mais articuladora do que leccionadora.

É necessário ressaltar que independente do tamanho do museu, de seus recursos financeiros e humanos é essencial que a instituição (museu) desenvolva algum tipo de ação educativa – mais ou menos complexa, com muitos ou poucos recursos - através do patrimônio salvaguardado pelo museu, nesse sentido Maria Célia Santos diz:

Já estamos cansados de “bater na mesma tecla”, causando até um certo esgotamento. Já levamos um bom tempo constatando, avaliando, chorando as nossas mágoas; agora considero que é mais urgente do que nunca tomar como referencial os diagnósticos já realizados e, com o embasamento necessário, buscar outras estratégias de ação. (SANTOS, 2002, p. 307)

Considerações Finais

É válido ressaltar o que Maria Célia Santos escreve sobre a importância de oportunizar aos museus o desenvolvimento de atividades educativas:

[...] é necessário desenvolver a face educativa da Museologia. Assim como na educação, o processo museológico é compreendido como ação que se transforma, que é resultado da ação e da reflexão dos sujeitos sociais, em determinado contexto, passível de ser repensado, modificado e adaptado em interação, contribuindo para a construção e reconstrução do mundo. Daí, o sentido de associarmos o termo processo às ações de musealização, compreendido como uma sequência de estados de um sistema que se transforma, por meio do questionamento reconstrutivo, e que, ao transformar-se, transforma o sujeito e o mundo. A utilização do termo processo permite atribuir, portanto, as dimensões social e educativa à Museologia (SANTOS, 2002, p. 315).

Com o andamento da oficina percebemos que esta atividade auxiliou os participantes a refletirem sobre os processos educativos e sobre a aplicabilidade e a viabilidade das ações em

seus espaços. A oficina preocupou-se em produzir um material educativo simples e de baixo custo, adequado à realidade dos museus locais e com a possibilidade de múltiplos usos.

A proposta inicial era confecção de um modelo único de painel-jogo para os quatro museus convidados. Porém, com o desenvolvimento da oficina verificou-se que cada museu era singular e possuía necessidades diferentes. Por isso, cada museu decidiu por um painel-jogo específico, de acordo com as suas particularidades, e com a possibilidade de usos diversos.

Ao final desta primeira oficina foi possível perceber que as instituições museológicas que participaram da atividade proposta, são sensíveis às questões educativas e - com algum incentivo e com a oportunidade de conhecer os trabalhos desenvolvidos em outras instituições, o que foi possibilitado pela Mediateca do LEP - poderão desenvolver com sucesso seus próprios projetos.

Referências

BARBOSA, Neilia Marcelina et al. **Ação educativa em museu**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura / Superintendência de Museus de Minas Gerais, 2010, [Coleção Falando de...]

BRASIL. Lei nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009. **Estabelece o Estatuto dos Museus**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm>. Acesso em 30 jul. 2014.

CABRAL, Magaly. **Comunicação, educação e patrimônio cultural**. Trabalho apresentado no Minicurso Museu e Educação do 8º Fórum Estadual de Museus, Rio Grande, RS. 2002.

CRUZ, Patrícia Cristina da; CASTRO, Renata Brião de. GASTAUD, Carla Rodrigues. Considerações sobre a educação para o patrimônio no município de Pelotas/RS: uma possibilidade de aproximar museu e sociedade. **Cadernos temáticos do IPHAN**, João Pessoa, n. 4, p. 50-56, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1999.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação**. São Paulo: Cortez, 1996.

RODRIGUES, Ana Ramos. O museu histórico como agente de ação educativa. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, v. 2, n. 4, p. 215-222, 2010. Disponível em: <http://www.rbhcs.com/index_arquivos/Artigo.OMuseuHist%C3%B3ricocomoagente>

A7%3oEducativa.pdf>. Acesso em 13 maio 2014.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. Museu e Educação: conceitos e métodos. In: **Ciências e Letras: Revista da Faculdade Porto- Alegre de Educação – RS - Porto Alegre**, n. 31, p. 307-323, 2002.

Notas

⁴ O Laboratório de Educação para o Patrimônio – LEP, pretende refletir sobre os museus como agentes educativos e colaborar para a qualificação das ações educativas desenvolvidas por estas instituições. Para tanto, investiga as ações educativas desenvolvidas em diversas instituições museológicas. Mais informações estão disponíveis no site: wp.ufpel.edu.br/lep e na página no facebook: www.facebook.com/Lepparaopatrimonio.

⁵ Museu Etnográfico da Colônia Maciel, Museu Gruppelli, Museu e Espaço Cultural Museu Histórico de Morro Redondo que não está no município de Pelotas e sim em Morro Redondo, mas a temática similar aos demais museus e a Universidade Federal de Pelotas também desenvolve projeto de extensão nesse museu.

⁶ Um artigo relatando os dados dessa pesquisa foi publicado nos cadernos de educação patrimonial do Instituto do Patrimônio histórico e Artístico Nacional – IPHAN, para saber mais ver: Cruz, Castro, Gastaud (2015).

⁷ SMM: <http://www.pelotas.com.br/smm/> - Acessado em 20/01/2014.

⁸ Os museus foram numerados em sequência para melhor identificação. Seus nomes não serão divulgados e a numeração foi feita na ordem em que recebemos as respostas.

⁹ Os resultados dessa pesquisa na íntegra estão disponíveis no site do Laboratório de Educação para o Patrimônio: wp.ufpel.edu.br/lep.

¹⁰ A Mediateca recebeu este nome pela variedade de materiais que são produzidos pelas instituições – jogos, livros, revistas, Cds, Dvds – e que são armazenados e disponibilizados nesse projeto. Ela é inspirada em um programa semelhante realizado pelo Museu Lasar Segall, localizado na cidade de São Paulo, e dispõe de um acervo constituído por material recebido de diversas instituições culturais.